

# humanitas

**Vol. XIII-XIV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XIII E XIV



COIMBRA

MCMLXI - LXII

## UM MANUSCRITO DE TEATRO HUMANÍSTICO CONIMBRICENSE (\*)

Na biblioteca da «Hispanic Society of America», em Nova Iorque, existe uma miscelânea manuscrita, encadernada em pergaminho, com o seguinte título:

*Liber Tragaediarum: & aliorum carminum Operâ, et Studio vario-  
rum Poetarum Societatis Iesu in Regno Lusitaniae. Nomina tragaediarum, sunt*

*Achabus*

*Saul*

*Absalon*

*Dialogi sunt*

*Gratulatio*

*Gloria*

*Et carmina, á orationes in aduentum cuiusdam Summi Pontificis Legati  
in Lusitaniam missi.*

O códice tem o formato de 14 x 10 cms., 176 folhas manuscritas em letra italiana da segunda metade do século xvi e 13 folhas em branco. A marca de água é a mão enluvada, com desenho variável na palma (flor de lis ou  $\tilde{A}$  ou pétalas em cruz) e uma coroa com um trevo em cima. A coroa, por sua vez, assenta na extremidade superior dos dedos. O desenho é sensivelmente o mesmo dos n.ºs 68 e 73 do pequeno catálogo de Arnaldo Faria de Ataíde e Melo (1), que correspondem, segundo este Autor, a papel usado em Coimbra, em meados do século xvi.

(\*) Foi-me comunicada a existência deste MS por Miss Jean Longland, bibliotecária da Hispanic Society of America. E as minhas buscas sobre Próspero Santa Cruz foram facilitadas pela colaboração de Miss Clara L. Penney, distinta investigadora da mesma organização.

(1) *O papel como elemento de identificação*, Lisboa, 1926.

No verso do frontispício, lê-se ao alto a sigla *Jhüs* e logo o título da primeira composição:

*Tragaedia cui nomen inditum ÁCHÁBUS. Interlocutores:*

<i>Spüs seductor</i>	<i>Amon praefectus sacrorum</i>
<i>Elias vates</i>	<i>Lictor</i>
<i>Minister eius</i>	<i>Ángelus</i>
<i>Abdias</i>	<i>Ciuis Bersabaeus</i>
<i>Achabus Rex</i>	<i>Josaphatus Rex</i>
<i>Famuli</i>	<i>Sedecias vates mēdax</i>
<i>Chorus</i>	<i>Chorus malorum vatū</i>
<i>Nuntius</i>	<i>Signifer</i>
<i>Jezabel Regina</i>	<i>Exercitus Achab</i>
<i>Explorator</i>	<i>Auriga</i>
<i>Miles</i>	<i>Ochozias filius Achab</i>
<i>Michaeas vates</i>	
<i>Joranus filius Regis Achab</i>	

A tragédia *Achabus* vai até à folha 58r, aí mesmo começando outro drama:

*Tragaedia cui nomen inditum SA UL GELBOAEUS. Interlocutores:*

<i>Justitia sola προλογίζει</i>	<i>Praeco Saulis</i>
<i>David rex</i>	<i>Pythonissa</i>
<i>Jonathas</i>	<i>Famulus Saulis</i>
<i>Saul rex</i>	<i>Nuntius Amalecites</i>
<i>Abner dux</i>	<i>Exercitus Davidis</i>
<i>Magister equitū</i>	<i>Miles Davidis</i>
<i>Nuntius Zyphaeus</i>	<i>Exercitus Saulis</i>
<i>Abiseus dux</i>	<i>Archimelech' explorator</i>
<i>Abiathan sacerdos</i>	<i>Chorus Hebreorū</i>

Na folha 101r acaba esta peça, começando imediatamente a *Tragaedia cui nomen inditum ABSALON. Interlocutores:*

<i>Prologus</i>	
<i>Discordia</i>	<i>Semeus lapidator Exercitus</i>

<i>Absalon</i>	<i>Populus</i>	<i>Exploratores tres</i>
<i>Tribun' militū</i>	<i>Siba</i>	<i>Insidiator puer</i>
<i>Mercator</i>	<i>Aethaeus</i>	<i>Satanas</i>
<i>Miles glorios'</i>	<i>Joabus</i> <i>duces</i>	<i>Speculator</i>
<i>Famuli</i>	<i>Abyssaeus</i>	<i>3 Regum legati</i>
<i>Chorus</i>	<i>Sadochus</i>	<i>Jonathan   filii</i>
<i>Praeco Absalonis</i>	<i>Abiatharus j sacerdotes</i>	<i>Achimaas j sacerdotum</i>
<i>Dauid Rex</i>	<i>Chusaeus</i>	
<i>Nuntius</i>	<i>Achitophel Consiliarius</i>	

A tragédia *Absalon* vai até a folha 137r onde tem começo a composição :

*In aduentu Reuerendissimi Episcopi Risamensis de Sancta cruce a Pio 4.º Pontífice Max.º legati gratulatio*, cujas personagens são:

<i>Grammaticus προλογίζει</i>	<i>Sophista</i>
<i>Rhetorica</i>	<i>Dialecticus</i>
<i>Grammatica</i>	<i>Philosophaster</i>
<i>Dialectica</i>	<i>Philosophus</i>
<i>Philosophia</i>	<i>Bonus Rhetor</i>
<i>Grammatista</i>	<i>Cacorhetor</i>

#### *Prologus*

Este diálogo dramatizado, em metros diversos, estende-se até à folha 147 v onde se inicia uma série de pequenas composições de circunstância cujo conteúdo permite esclarecer a história do códice manuscrito. São elas :

*Ad eundem Prosperum de sancta Cruce à Summo Pontifice in Lusitaniam legatum Petrus da Sylva* (fol. 147v a 148r);

*Ad eundem alia Oratio* (fol. 148r a 149r);

*Oratio ad eundem composita à Gaspare Gondisaluo* (149r a 150r);

*Ad eundem epigramma Graecum Patris Iacobi Fernandez* (fol. 150r);  
*Latine* (fol. 150v);

*Ad eundem aliud Iacobi Coellij* (fol. 150v a 151 r) ;

*Aliud eiusdem* (fol. 151 r) ;

*Aliud eiusdem* (fol. 151 r);

*Oratio ad eundem composita à Nicolao Gracida habita à discipulo*  
(fol. 151 y a 153r);

*Oratio Graeca ad eundem* (fol. 153r a 154r).

Nas tragédias, os diálogos são em trímetros iâmbicos (assim designados no manuscrito) e os coros em diferentes metros expressamente indicados no começo de cada trecho. Há, nesta minúcia didascálica, alguma coisa da preocupação escolar que certamente sobrelevava a intenção artística na mente dos dramaturgos jesuítas do Colégio das Artes.

A atitude pedagógica, na utilização do latim como língua viva, é ainda mais clara nos torneios oratórios, como o que indicamos a seguir, sobre a «Glória». Aí se exercitava a habilidade retórica dos futuros oradores sagrados, juntamente com o uso corrente do latim, ao mesmo tempo que se inculcava nos estudantes a memorização dos princípios doutrinários e morais do catolicismo militante.

Este trecho é também ritmado (em senários iâmbicos ou, mais pomposa e menos exactamente, em trímetros iâmbicos, como acima lhes chamam) e consta de prólogo, três actos e coros. Nos coros, o senário é posto de parte. Vem de folhas 154r a 176v:

*Interlocutores*

*Megalanus prologus*

*Senex*

*Miles gloriosus*

*Adulator*

*Pseudolus*

*Chorus*

*Labor*

*Vigilia*

*Cura*

*Rusticus*

*Gloria*

*Splendor*

*Decus*

*Praeco*

Estão em branco as folhas 177r a 189v, sendo a seguinte ocupada com a *Tabula eorum quae in hoc libro continentur*.

O interesse do códice para o estudo do teatro humanístico em Portugal é inegável. E se em Coimbra não faltam documentos da actividade pedagógica dos jesuítas no Colégio das Artes, contidos nas miscelâneas manuscritas da Biblioteca Geral da Universidade, a verdade é que raras são as colectâneas lá existentes com um carácter tão selecto como esta, feita de propósito para oferecer a um visitante distinto e culto.

Dando uma volta ao meu *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica*, publicado em 1945, aí encontrei, a páginas 57, numa descrição da Miscelânea 1235, a presença da tragédia *Achabus*, ao lado de outras composições dramáticas que não figuram neste manuscrito da Hispanic Society of America, a saber, *Sede cias, Iosephus, Prodigus*. Por outro lado, figuram no códice da biblioteca novaiorquina as seguintes peças que se não encontram na Miscelânea 1235: *Saul Gelboaeus e Absalon*.

Embora o valor artístico destas composições talvez não seja grande, o seu estudo metódico ainda não foi feito nem em relação com o teatro português e europeu contemporâneo e posterior, nem mesmo, dentro do quadro conimbricense, com as obras dos humanistas anteriores aos jesuítas no Colégio das Artes, principalmente George Buchanan e Diogo de Teive.

Michel de Montaigne, no volume I (cap. 26) dos *Essais*, informa-nos da importância que André de Gouveia e os seus colegas de Bordéus conferiam ao teatro escolar. Ora o Goveanus trouxe o seu corpo docente, em que figuravam os melhores mestres do ensaísta francês, para o Colégio das Artes de Coimbra onde estabeleceram idêntica tradição de representações teatrais, aproveitada posteriormente pelos Jesuítas, quando tomaram conta do Colégio.

Voltando, porém, ao códice da Hispanic Society, parece-me duvidoso que ele tenha alguma vez pertencido ao *episcopus Risamensis* para quem foi escrito. Inclino-me a supor assim os dizeres da folha de rosto (*cuiusdam Summi Pontificis legati*) e ainda o facto de, no canto superior direito da primeira folha (recto), se encontrar a assinatura de *João Alvarez*, com todo o ar de marca de proprietário.

Portanto, ou foi exemplar prometido mas nunca chegado a remeter ou é cópia de um livro realmente oferecido ao legado pontifício.



Quem era o ilustre visitante para quem os jesuítas de Coimbra proposadamente escreveram este códice manuseável, de bolso, cuidadosamente encadernado em pergaminho e escrito em excelente letra sobre papel de boa qualidade?

As pequenas peças de circunstância insertas no códice dão-nos a resposta à pergunta. Breves *nugae* à roda de *Prosperus* e do seu sobrenome *de Sancta Cruce*, as referências ao título de *episcopus Risa-*

*mensis* e de legado pontifício, as alusões ao Papa *Pius* e as subtilezas em torno de *pius* adjectivo, permitem-nos identificar a personagem. Demais, a leitura das pequenas composições (as de maior extensão estavam já escritas) deixa-nos concluir que o homenageado passou em Coimbra no verão a caminho de França para onde ia como legado pontifício. Fica-se igualmente sabendo que a sua demora em Portugal foi muita curta.

Lisonjeiramente, um dos poetas refere-se aos efeitos providenciais da chegada do ilustre visitante a Coimbra: o tempo até aí de canícula (talvez o ardente Agosto coimbricense!) refrescou de súbito e assim se manteve todo o tempo que o forasteiro residiu na cidade; a peste, que até há pouco ainda afligia a urbe, também desapareceu por completo.

Aludindo às lutas religiosas em França, um dos versejadores lamenta a sorte do legado:

*Quid petis infidos, Praesul sanctissime, G alio si (2)*  
*Constat pro Christo te uoluisse mori.*

E outro joga conceituosamente com o apelido de Santa Cruz:

*...Quis ad haec securior ibit,*  
*A vita quam qui fert ineunt e crucem ? (3)*

Com todos estes elementos e o uso dos meios de investigação apropriados, não é difícil descobrir que o visitante era Próspero Publicola de Santa Cruz, bispo de Chissamo em Creta e legado pontifício de Pio IV à corte portuguesa.

Pela correspondência do embaixador de Portugal em Roma, Lourenço Pires de Távora, cujos sumários o Visconde de Santarém (4) publicou, fica-se sabendo que Próspero de Santa Cruz partiu de Roma para Lisboa, a 14 de Julho de 1560(5).

(2) Fol. 151.

(3) Fol. 149.

(4) *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as diversas Potencias do Mundo desde o Principio da Monarchia Portuguesa até aos Nossos Dias*. 18 tomos, Lisboa, 1842-1876.

(5) *Ibidem*, tomo 13, p. 226.

E o embaixador português, que se mostra ao corrente de pormenores relativos ao legado, comunica que a missão de Próspero de Santa Cruz em nada diminuirá os poderes de que dispõe o Cardinal D. Henrique como legado *a latere* permanente de Sua Santidade em Lisboa. Com efeito, o novo legado leva instruções de em tudo se conformar com a vontade do Cardinal-Infante e de o ouvir antes de tomar qualquer decisão. O embaixador português augura de breve a estadia do legado em Lisboa.

Próspero de Santa Cruz deve ter viajado sem pressas, demorando-se possivelmente na corte espanhola durante a travessia do país vizinho. Em 3 de Dezembro de 1560, o legado não devia ainda estar em Lisboa, pois o Papa mandava pelo correio do embaixador português, que chegaria à capital lusitana ainda antes, «a participação de que publicou a reunião de um concílio geral em Trento, o qual se há-de abrir no próximo domingo da Ressureição» (6).

Todavia, em 3 de Abril de 1561, já Lourenço Pires de Távora fala duma entrevista com o Papa em que este se mostrou de posse de informações enviadas pelo seu legado (7). E a 20 de Maio do mesmo ano, o Embaixador comunicou para Portugal que o legado seria em breve substituído e mandado para França. O substituto era o bispo de Bolonha.

Em carta de 19 de Julho, respondendo a D. Sebastião (i.e. à Rainha Regente), o Embaixador comunicava-lhe que o Papa se recusava a anuir a permanência de Santa Cruz em Lisboa, como o Rei desejaria. Por aqui se vê que o legado deixou saudades e que, por esta altura, estaria ainda em Lisboa.

A sua passagem em Coimbra, a caminho de França, deve ter-se dado em fins deste mês ou, mais provavelmente, em Agosto. E a possibilidade de se poder datar o códice manuscrito do verão de 1561 tem grande importância, pois permite estabelecer a cronologia dos dramas em latim nele contidos.

No volume 6.º da obra *Archives Curieuses de l'Histoire de France depuis Louis IX jusqu'à Louis XVIII, etc.* por L. Cimber e F. d'Anjou, (Paris, 1835), foram publicadas as *Lettres Anecdotes écrites au Cardinal Borromée par Prosper de Sainte-Croix, évêque de Chisame, nonce du*

(6) *Ibidem*, tomo 13, p. 260.

(7) *Ibidem*, tomo 13, p. 260.

*pape Pie IV auprès de Catharine de Médicis depuis Van 1561 jusqu'en 1565* (8).

Na primeira carta, escrita logo no dia da chegada a Paris, em 16 de Outubro de 1561, Próspero queixa-se de que a viagem foi longa e demorada e de que teve de ficar em Burgos vários dias «pour avoir un passeport, sans lequel on ne peut sortir d'Espagne» (9).

Não obstante os seus lamentos, talvez não seja maldade nossa supor que o legado, tal como acontecera na viagem para Lisboa onde o esperava uma situação subalterna, também não estava ansioso por chegar a Paris onde o aguardavam as inúmeras complicações e perigos de uma das épocas mais conturbadas da história de França.

Em carta enviada da capital francesa ao Papa, meses depois, em 17 de Janeiro de 1562, o legado queixa-se das inúmeras despesas a que é obrigado para manter uma intensa vida social com os frequentadores do palácio. O propósito desta convivência era reforçar nas personagens nobres das suas relações a vontade de se manterem na corte que muitos deles tinham desejo de abandonar, em virtude da agitação reinante. E o legado acrescenta que, para fazer tal vida, lhe não chegavam «os tesouros de Portugal» (10).

Por aqui se pode concluir que fora entre nós bem tratado e presenteado e que disso haviam chegado ecos a Roma.

A estadia em França, como previa numa carta para a corte portuguesa Lourenço Pires de Távora, não foi tão agradável quanto a breve permanência em Portugal. Isso mesmo se deduz do tom desanimado do final da última das epístolas desta colecção publicada por Cimber

(8) Na p. 2, lê-se o seguinte «AVERTISSEMENT: Prosper de Sainte-Croix, évêque d'Alba, était de Rome et fils d'Antoine de Sainte-Croix, ami des Médicis: il étudia la jurisprudence à Padoue et fut pourvu à 22 ans d'une charge d'avocat consistorial par le pape Clément VII, puis d'un office d'auditeur de Rote, et enfin de l'évêché de Chisame en Candie. Dans la suite on distingua son mérite pour les négociations et les affaires d'état, et on l'envoya nonce en Allemagne, en Portugal, en Espagne et enfin en France, ou il s'acquît tant de réputation que la reine Catherine de Médicis le fit nommer à l'archevêché d'Arles et obtint pour lui en 1565 le chapeau de cardinal, en récompense des services qu'il avait rendus pendant sa mission.

Après la mort de Pie V\* le cardinal de Sainte-Croix assista au conclave ou l'on fit l'élection de Grégoire XIII, et, 12 ans après, à celui ou se fit celle de Sixte V à laquelle il contribua beaucoup. Il mourut le 2 octobre 1589, âgé de 76 ans, et fut enterré à Sainte Marie-Majeure».

(9) *Ibidem*, p. 3.

(10) *Ibidem*, p. 17.

e Anjou: «Quand je considère qu'après avoir pris tant de peines et rendu plusieurs services à divers Papes je n'ai point d'autre bénéfice que celui de Chisame, en Candie, je dois penser à retourner à la cour de Rome, où j'espère d'obtenir quelque'autre bénéfice dans un lieu où je puisse me retirer honorablement en cas de besoin, et vivre plus tranquillement que je n'ai fait jusqu'à présent; et dans cette espérance je finis cette lettre, et je n'écrirai plus a Votre Eminence touchant la religion et les autres affaires de ce royaume demi-huguenot. De La Rochelle, le 16 septembre 1565» (11).

Próspero de Santa Cruz ficou conhecido em Itália por ai ter introduzido o tabaco com que travara conhecimento na corte de Lisboa onde, pela mesma altura, era embaixador de França Jean Nicot que, por seu turno, foi o introdutor da folha mágica em França. É possível que o legado pontifício e a sua compatriota Catarina de Médicis alguma vez, entre preocupações mais graves,, tenham discutido a estranha planta que os portugueses haviam trazido para a Europa. Como quer que seja, o tabaco foi conhecido em Itália por *erva Santa Croce*, como em França por *herbe Nicottiane*, os dois títulos de glória mais populares — a fama tem destes caprichos! — de ambas as personagens, ilustres por outros motivos.

De Portugal, já então na decadência, ainda se levavam novidades exóticas para surpresa da Europa!

Nova Iorque, Fevereiro de 1962

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(11) *Ibidem*, p. 170.